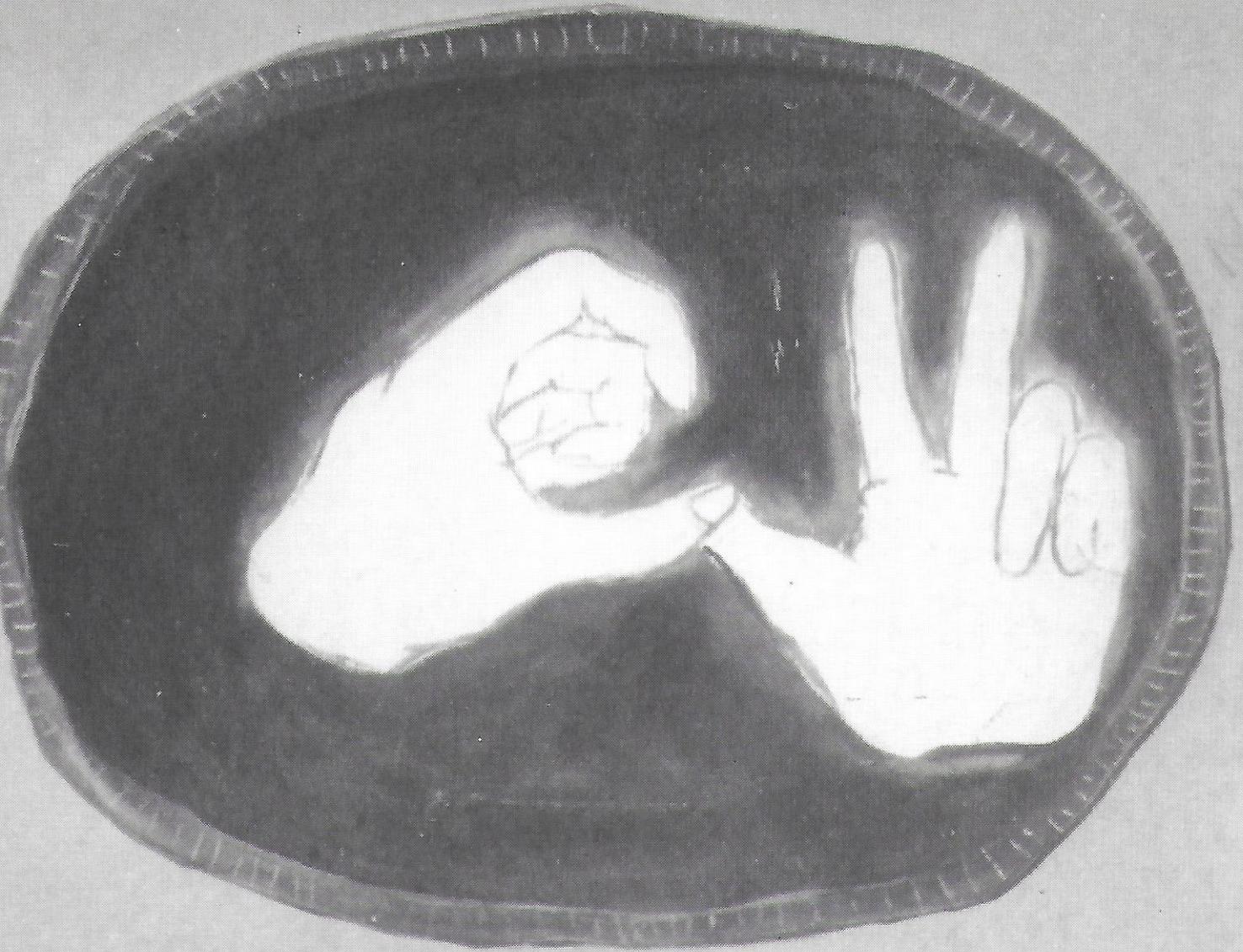


**JOVEM
PINTURA
FIGURATIVA**



SÜNDE

JOVEM PINTURA FIGURATIVA

20 de janeiro a 27 de fevereiro de 1994

**Governo do Estado do Rio Grande do Sul
Secretaria de Estado da Cultura
Museu de Arte Contemporânea**

**GOVERNADOR DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
Alceu Collares**

**SECRETÁRIA DE ESTADO DA CULTURA
Mila Cauduro**

**DIRETOR DO MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA
José Francisco Alves**

**MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA
EQUIPE**

**ASSESSORIA SUPERIOR
Iara Gay de Castro**

**ASSESSORIA DE IMPRENSA
Décio Presser**

**DIVISÃO DE AÇÃO CULTURAL
Suzana Vieira da Cunha
Elton Manganelli**

**DIVISÃO DE DESCENTRALIZAÇÃO ADMINISTRATIVA
Ronei Kolesny**

**NÚCLEO DE FOTOGRAFIA
Denise Stumvoll
Marco Aurélio Fraga**

**ADMINISTRAÇÃO E MONTAGEM DE EXPOSIÇÕES
Laura Soares
Alexandra Eckert
Caroline Martins
Ana Flávia Baldisserotto
Adriano Rojas**

**CURADOR CONVIDADO PELA INSTITUIÇÃO
Paulo Gomes**

**DESIGN GRÁFICO DO CATÁLOGO
José Francisco Alves**

**FOTO DA CAPA
"Sünder", 1993
acrílico sobre tela 100 x 80cm
obra de Guilherme A.C.**

JOVEM PINTURA FIGURATIVA



A presente exposição tem por objetivo mostrar a produção de artistas que se valem da figuração. Todos os artistas estão na faixa dos 20/30 anos, fazem uso da figuração e por fim todos são pintores. Dentro dos limites impostos, muitos artistas poderiam e deveriam participar da mostra. Mas esta não se pretende panorâmica, por diversas razões, principalmente por que numa panorâmica apenas repetiria o que aqui acredito conseguir com menos artistas, ou seja, um resumo dos usos da figuração pelos jovens artistas gaúchos. Toda escolha tem um caráter eminentemente pessoal, logo a escolha desses artistas se fez levando em consideração, principalmente, o fato de todos trazerem algo de pessoal para a figuração gaúcha, seja na representação, na proposta subjacente a esta representação ou nos seus projetos individuais.

O que aparentemente é o tema principal da exposição, na realidade é seu assunto principal. Onde na maioria dos trabalhos aparece a figuração, esta, na realidade encobre a motivação principal dos artistas, que é pintar a própria pintura. Neste ponto estamos coerentes com o pensamento artístico contemporâneo que escolheu como ideal o real, em detrimento do transcendental. Essa pintura trata do que mais interessa a esses jovens, que é a própria arte. Como assunto, a figuração tem diversos tratamentos e enfoques, que demonstram que a arte de hoje não tem unidade de ação, sendo feita de aventuras, de projetos individuais. Onde estes projetos irão dar, só o tempo poderá dizer. Dentro deste enfoque, enumeraremos algumas das características mais frequentes nessa pintura, não para absolutizar, mas para ter em mente o caráter relativo dos projetos.

O primeiro dado comum a muitos dos artistas de exposição é o Citacionismo. A preocupação com a memória cultural de nossa civilização é explicitada através de citações literais de períodos da história da arte, através de referências à história da pintura e do uso indistinto da colagem. Toda essa gama de usos de citações enriquecem o objeto pictórico, carregando-o de significados semânticos e sintáticos. A citação não é só da cultura erudita dos museus e livros de arte, mas também da cultura popular e da cultura marginalizada dos pintores de rua e dos bazares de miudezas. Esse recurso à cultura de todas as esferas indica um caminho de incertezas.

Como segunda característica recorrente aparece o Cratilismo (conforme Tom Phillips in Cratilismo - O Artista Inglês e a Palavra, VX Bienal de São Paulo, 1979). Embora ocorrendo em número menor de artistas que o Citacionismo, merece destaque pela importância que assume na arte contemporânea. Esse recurso à palavra tem caracteres variados, principalmente concorrendo para o enriquecimento formal do trabalho, como elemento plástico, sensação significativa e sensação visual. Em todos os casos as inscrições aparecem em línguas de difícil acesso, evidenciando o uso como elemento desorientador do discurso. Daí fazê-lo em línguas "difíceis", ou mesmo em línguas inventadas, uma espécie de linguagem perdida da infância, que reforça o discurso através da visualidade, mas não o explicita.

Outra característica é o uso da colagem. Esse recurso é utilizado como referência direta à imagem colada, em substituição à própria pintura ou ainda como elemento desorientador do discurso.

Dentro da colagem poderíamos incluir o uso de imagens de segunda geração. Esta é recorrente na maior parte dos ar-

tistas e por isso mais significativa. Esse uso em detrimento da imagem colhada ao vivo denota uma preocupação secundária com a figura. Retornamos aqui à questão da temática. Esta imagem colhada de fotografias, ilustrações ou da memória, são espectros de figuras as quais os artista tentam insuflar energia necessária para recolocá-las novamente em circulação. Isso remete imediatamente à questão do mundo de reproduções, de imagens prontas e esvaziadas de significado. A questão do significado das figuras transcende o limite desse texto, pois, na realidade, esses artistas estão tentando recuperar para essas figuras um significado além da própria imagem, mesmo que esses significados não sejam explicitados. O que importa é que a imagem está presente como dado concreto, seja esse dado esclarecedor ou não.

Por duas vezes referi-me a um elemento desorientador. Esta preocupação em desorientar o público é outra característica da produção desses artistas. A ironia, tal como podemos defini-la com o uso de um dicionário é uma figura de retórica em que se exprime o contrário do que as palavras naturalmente significam. A ironia é de uso generalizado, seja na utilização de figuras de segunda geração, nas citações e na própria atitude dos artistas. Com a exceção que confirma a regra, a postura dos artistas é irônica por princípio, uma sem-cerimônia que se apropria de bens culturais e os repete sem historicizá-los, diluindo-os no nada/tudo da não-cultura. A tradição é pervertida, sendo colocada sem o devido comentário histórico. Conseqüentemente essa tradição histórica passa ao público como o "Novo". Este falso "Novo", por sua própria natureza de repetição, força o passo para o Novo. Essa ironia parece o único caminho possível e nesse nosso país eternamente em processo contraditório e eternamente à margem da civilização.

Essas são algumas das características possíveis de serem apontadas e demonstradas, entre inúmeras outras. Nossa arte mergulhou suas raízes na história, na capacidade de absorver a cultura, dos arquétipos às intuições dramáticas. Assim, temos nesta exposição, a figuração irônica de Guilherme AC e Richard John; a questão figura/tempo/espaco de Marilice Corona; a figuração narrativa de Paula Mastroberti e Ricardo Frantz; a figura ícone de Gélson Radaelli e Ubiratã Braga e a figuração/paisagem de Laura Frões e Nelson Wilbert. Reforçando o caráter individual de cada um destes jovens artistas, poderíamos dizer ainda que eles intentam objetivar seus sentimentos na construção de suas obras — propondo caminhos sutis e virtuosos, instáveis no tratamento do estilo, da imagem e da visão, bem como dos mitos, rituais e magias — seja através de pinturas narrativas, paisagens, retratos ou simplesmente pinturas, ou ainda, através de discursos irônicos, metalingüísticos, líricos ou dramáticos. Todos trazem para a arte gaúcha contemporânea a marca de sua individualidade, seja através do descobrimento de processos particulares ou da capacidade de produzir variantes válidos, mantendo viva a idéia de experimentar e continuar pintando figuras.

Respeitamos aqui o critério geracional e a crença de que estes artistas estão fazendo uma importante pintura figurativa, e, buscamos, para além dos percursos individuais, o sentido possível da reunião das individualidades.

PAULO GOMES
Dezembro 1993

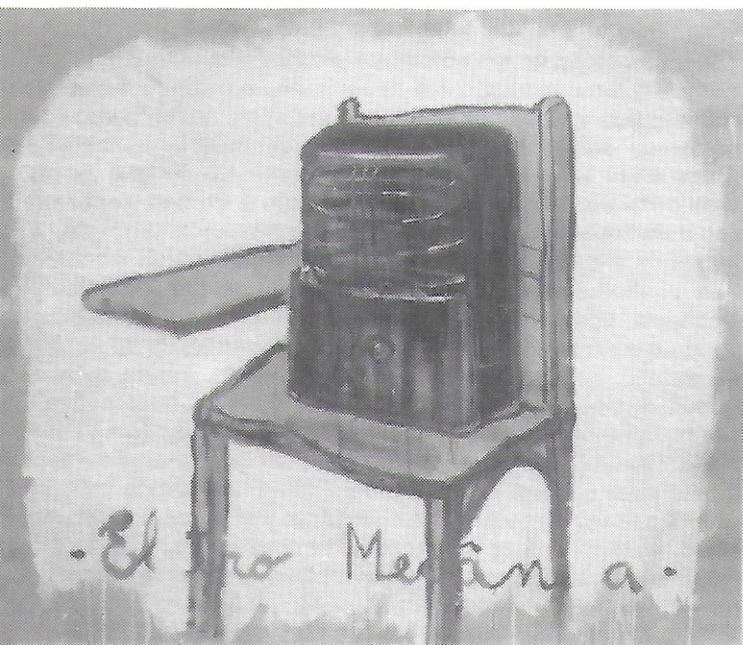


GÉLSON RADAELLI

Nova Bréscia-RS, 1960

A formação de Publicitário e o conseqüente trabalho em oficinas de criação gráfica e jornais induziu o trabalho de Gélson Radaelli ao uso do preto e branco como cores. Seu trabalho atual partiu de pequenos desenhos, onde páginas de revistas eram utilizadas como suporte e interferidas até o ponto em que a imagem se tornava um mero referencial para uma nova realidade. Essas figuras de segunda geração são alienadas de qualquer caráter narrativo, mantendo o caráter de anotação, enriquecidas de inscrições grafadas numa língua de domínio apenas do artista. Este discurso que abdica do inteligível tem a preocupação de se manter na pura visualidade. É um projeto utópico que seu autor conduz com segurança e poucas variações, mas plenamente realizado no que ele tem de projeto de autoconhecimento, nos dando uma figuração encoberta mas instigante.

acrílico sobre tela, 1993 — 162 x 158 cm

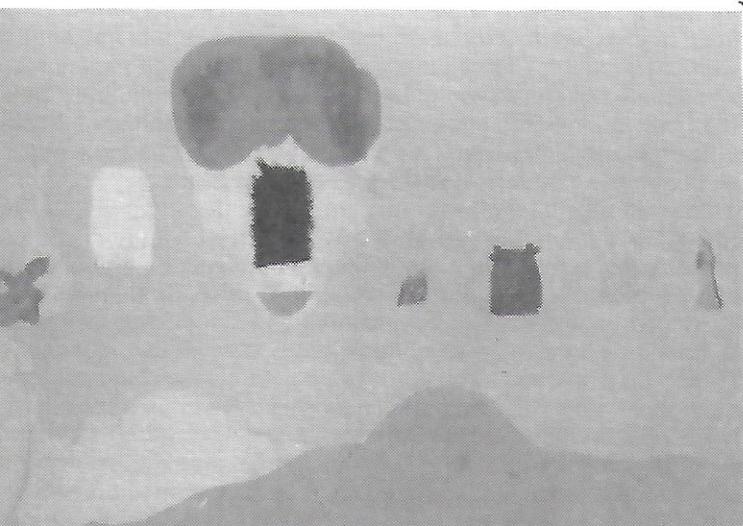


GUILLERMO A. C.

Rosário-Argentina, 1971

O caráter inquietante e da pintura de Guillermo A. C. advém de sua figuração frontal e estática, onde os estereótipos humanos convivem numa superfície de grande requinte pictórico. Este discurso de estereótipos é por definição irônico, caracterizado pela busca de uma expressão primitiva, liberta da narração, onde só o essencial permanece, uma espécie de escrita da imagem.

"El tro Mecânica", 1993 — acrílico sobre tela. 140 x 140 cm

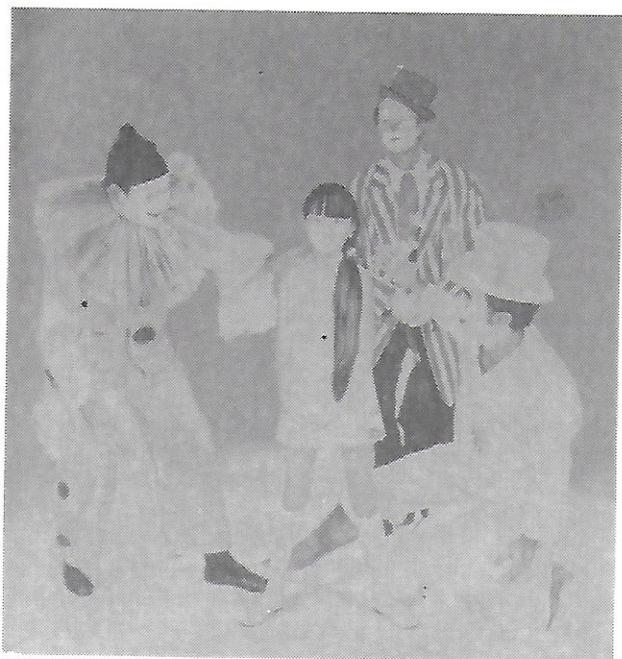


LAURA FRÓES

Porto Alegre-RS, 1970

A característica mais marcante do trabalho de Laura Fróes é o hábil uso que faz de tecidos e objetos que substituem com segurança o uso de meios tradicionais na criação de suas paisagens. A vitalidade destas paisagens vem de uma bem elaborada sintaxe pessoal, onde os elementos são jogados com liberdade, aparecendo céus improváveis, ilhas flutuantes e águas de cores imprevistas, tudo posicionado de maneira inusual, alterando o significado da própria paisagem. O fascínio da artista pelos materiais comprados em bazares de miudezas corresponde a uma visão pessoal do fazer artístico, que intenta recuperar para a arte toda a questão do fazer feminino, aquela capacidade manual atribuída às mulheres pela nossa cultura — capacidade esta subvertida e posta à serviço de um fazer desvinculado da razão primeira de ser prendada. Uma questão trabalhada por outras artistas gaúchas, como Lia Menna Barreto e Luísa Meyer, entre outras.

Sem título, 1962
acrílica e diversos materiais sobre papel
e tecido — 130 x 150 cm
(detalhe da obra)



"Amnésia", 1991 —
óleo sobre tela, 112 x 101 cm

RICHARD JOHN

Bom Princípio-RS, 1966

O jogo das aparências permeia toda a obra de Richard John. Na aparente facilidade das imagens, acumula-se um grande número de sentidos e significados. Coleccionando imagens de segunda geração, Richard procura recuperar para estas imagens uma vitalidade perdida. Daí o uso da tinta a óleo, pois segundo o artista, esta possui mais magma, possibilitando um processo de transubstanciação da imagem num tempo em suspensão. É uma pintura confessional, feita de múltiplas referências, onde o significado não se afigura como o dado mais importante, ficando este para o espectador capacitado em sintonizar sua sensibilidade com a do artista e, daí, apreender todo o processo mágico de insuflar vida a imagens de um passado não valorizado.



"Auto Retrato", 1993 —
técnica mista, 200 x 160 cm

UBIRATÃ BRAGA

Porto Alegre-RS, 1965

A figura em Ubiratã Braga ordena sua pintura e propõe uma nova simetria, elaborando diferenças nas superfícies exaustivamente trabalhadas. Sua pintura é um embate com a tela, para superar a idéia de morte que ronda seus temas. A verticalidade acentua o caráter totêmico de objeto religioso e ritualístico, uma espécie de sublimação da idéia de morte. Nestas telas, a palavra, quando surge, procura ocupar o espaço como uma notação sonora, registro gráfico de inquietações e uma tentativa de comunicação. É um discurso tenso que cria uma teia de significados velados por camadas de tinta branca, uma espécie de véu que encobre o mistério da própria destinação última do ser e da obra.



"Papel de Bala", 1993
acrílico sobre tela, 100 x 150 cm

WILBERT

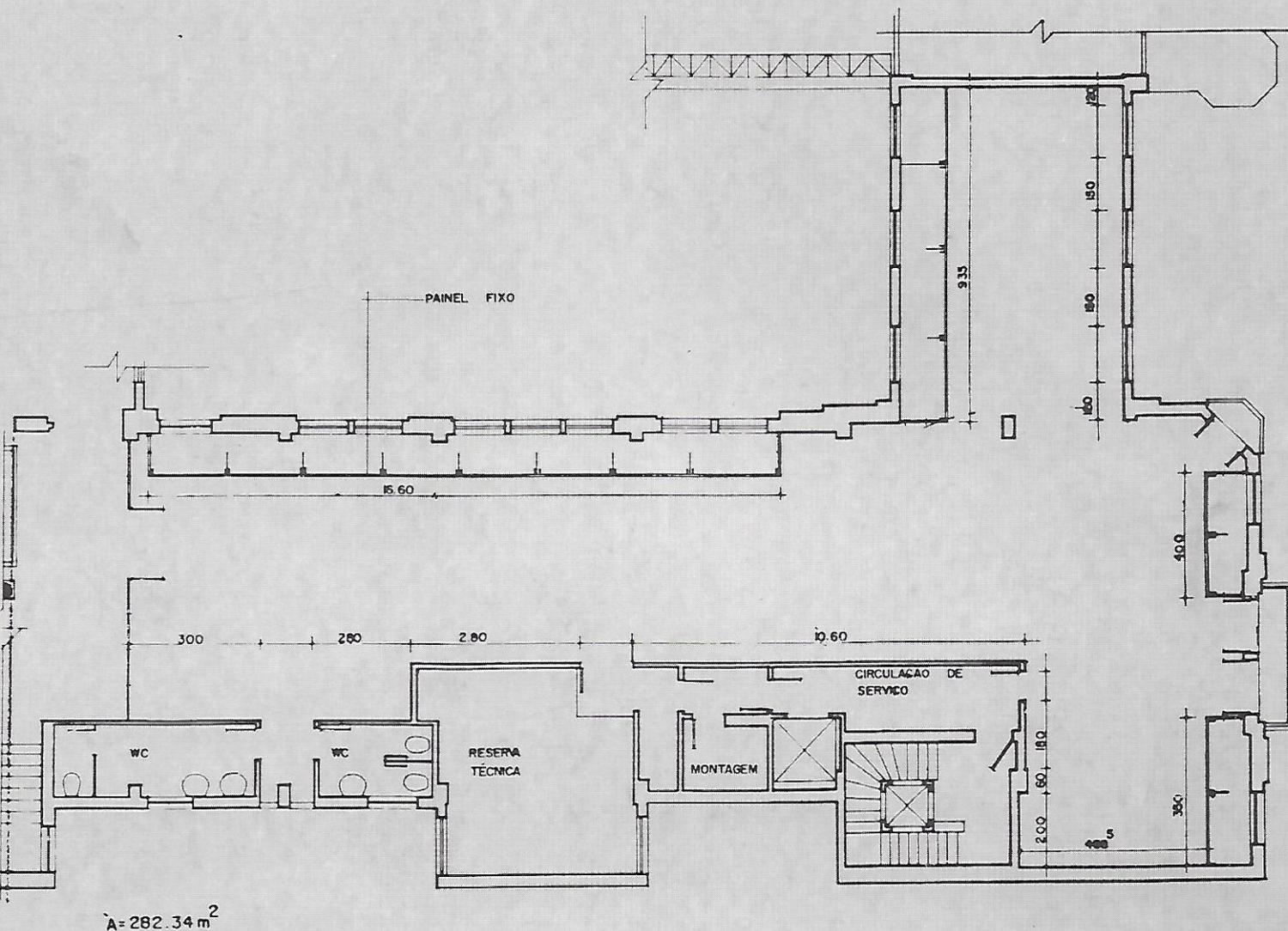
São José do Ouro-RS, 1969

A figura em Wilbert tem significado principalmente enquanto forma, caracterizando-se quase como abstrações de figuras. Seu trabalho busca uma realidade pictórica, um mundo estético onde a pintura é um jogo. A paisagem é um pretexto para construir obras de caráter altamente decorativo, sem qualquer preocupação com discursos extrapintura. É um trabalho que se sustenta através de um jogo entre a sensibilidade do artista e seu mundo referencial. É a pintura de um esteta, com um discurso todo voltado para o ato de pintar, uma metáfora da própria pintura.

NOTAS DO CURADOR

1. As anotações individuais sobre cada artista tem um caráter acentuado de interpretação. Considerando o que isso tem de perigoso, informo que assumo a responsabilidade e alerta também para o fato de que muito do que aqui escrevi surgiu de anotações das conversas que tive com os artistas, isentando-os pelo mau uso que porventura possa ter feito de suas palavras.

2. Não listo aqui bibliografia, mas esclareço que usei com total liberdade, inclusive me apropriando, de anotações do curso do Prof. Celso Favaretto, de conceitos de Pound, Guyot, Honeff, etc., além das conversas que tive com os artistas e com amigos. Agradeço primeiro aos artistas, que concordaram em me ceder parte de seu tempo para conversas extremamente enriquecedoras para mim (não sei se a recíproca é verdadeira); agradeço aos meus Diretores, Gaudêncio Fidelis, José Francisco Alves, José Albano Volkmer e Ernani Behs; aos meus colegas pelo apoio; a Laura Fróes em especial, pela sua enorme capacidade de observação e análise da produção contemporânea gaúcha; à Profa. Blanca Brites pelas aulas fundamentais para compreensão de alguns fenômenos contemporâneos; aos amigos, por existirem e a Deus, por tudo.



MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA DO RIO GRANDE DO SUL

Rua dos Andradas, 736 - 6.º andar da Casa de Cultura Mario Quintana

Correspondência

Rua dos Andradas, 736 - 2.º andar, sala 19

90020-004 - Porto Alegre - RS

(051) 221-7147 ramais 227/275

(FAX) 2210956

MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA DO RIO GRANDE DO SUL

6.º andar da Casa de Cultura Mario Quintana